

AZEVEDO, Matheus Mendonça*
<https://orcid.org/0000-0002-9255-681X>

A obra “*A história para além do humano*”, escrita pela historiadora polonesa Ewa Domańska, chega ao Brasil pela FGV Editora em tempos de urgência climática e de intensa reavaliação das estruturas epistemológicas - não só da historiografia - mas das ciências humanas. Nesse sentido, a importância da publicação está inteiramente articulada aos problemas do presente e a maneira pela qual diversas questões se entrelaçam aos debates do Antropoceno nas humanidades. Logo, possui uma relevância não só editorial e acadêmica, cujo cenário temático possui poucas traduções em português, mas sobretudo política, ecológica e ética no quadro geral das humanidades e, em especial, da historiografia.

O livro possui uma apresentação escrita pelos próprios organizadores, compostos pela historiadora Taynna Marino (que também assina como uma das tradutoras do livro, ao lado de Hugo Merlo) e o historiador Júlio Bentivoglio, os quais situam e apresentam aos leitores brasileiros o lugar que Ewa Domańska ocupa no debate historiográfico mundial, seu extenso gabarito, além de inserir a relevância da publicação do livro no cerne do tempo presente com os desafios que o Antropoceno vem demandando da historiografia. A historiadora é muito renomada no campo da Teoria da História, onde atravessa vários interesses de pesquisa e atuações compreendidas nos problemas mais espinhosos, tais como as dimensões do antropocentrismo, a linguagem e as formas de representação da história.

*Possui graduação em História pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM (2019). Possui mestrado em História Social no Programa de Pós-Graduação em História na UFAM (2024). Atualmente é doutorando em História Social na mesma instituição, sob orientação do Prof. Dr. Glauber Cícero Ferreira Biazio. É membro do Grupo de Pesquisa “Temporalidades e Histórias Populares” - UEMG-Divinópolis/CNPq. Atua na área de História, pesquisando Teoria e Filosofia da História e Antropoceno.

A obra foi organizada a partir de várias publicações como artigos, fragmentos textuais e conferências recentes de Ewa Domańska, que situam de forma panorâmica o estado recente de alguns interesses da historiadora polonesa. O livro é composto, assim, por uma introdução e três capítulos, que afunilam gradualmente o argumento e as discussões relativas aos debates teóricos e historiográficos críticos ao antropocentrismo, escrita da história, pós-humanismo e história animal.

Na introdução da obra, a autora nos faz compreender que o seu intento é discutir e apresentar algumas formas não convencionais de abordar o passado, em que a inclusão de outros objetos não ceda a uma visão antropocêntrica, eurocêntrica, *especista*, patriarcal e racista na historiografia. Nesse caso, aliás, a historiadora faz uma excelente retomada da crítica pós-colonial à historiografia, ao lembrar que a história - enquanto disciplina formal e acadêmica - contribuiu de maneira significativa para “legitimar várias formas de violência e exploração” a partir da constituição de seus modelos interpretativos (DOMAŃSKA, 2024, p. 27).

A proposta da renomada historiadora, especialista em Teoria da História, é a de dimensionar os impactos do excepcionalismo humano diante dos processos históricos comumente narrados e historicizados pela prática disciplinar, tema que será pertinentemente discutido no livro a partir do termo “pós-humanismo”. As ferramentas epistemológicas centradas na figura de um humano universal, herdadas da modernidade e das filosofias da história, não mais sustentariam as condições de possibilidade para a apreensão das manifestações e das agências não-humanas e nos emergentes problemas do Antropoceno.

De acordo com a historiadora, esse tipo de abordagem, ainda que aparentemente disruptiva no âmbito epistemológico, seria uma saída possível para os impasses atuais que envolvem a crise climática, a transformação na concepção de ser humano e de como as Ciências Humanas podem ficar com o

problema, como salientou Donna Haraway, “com alegria, terror e pensamento coletivo gerativos” (HARAWAY, 2023). O livro argumenta que a reavaliação dos fundamentos do conhecimento histórico deve ser atravessada pelo “pós-humanismo”, o qual, com cuidados metodológicos, pode ser uma importante ferramenta com contribuições à epistemologia da historiografia, uma vez que tal abordagem não seria apenas descritiva de processos com agências (antropocêntricas) localizadas, mas “por sua habilidade em criar e expandir a imaginação (não apenas histórica)” (DOMAŃSKA, 2024, p. 28).

No primeiro capítulo, intitulado “A mudança de paradigma”, a historiadora apresenta a discussão teórica que fundamenta efetivamente o caminho das reflexões contidas no livro. Por “mudança de paradigma”, Domańska não quer implicar que um determinado paradigma realize a supressão e, por conseguinte, a substituição de outro. Trata-se, ao contrário, de examinar a emergência de abordagens alternativas que possam servir de ferramenta para lidar com novos problemas que se manifestam a partir de uma visão multiespécies do real.

Assim, essa perspectiva ressalta o nascimento de um campo de conhecimento multidisciplinar, o qual inclui a historiografia, denominado aqui inicialmente como “humanidades pós-antropocêntricas”, cujo objeto centraria foco especialmente na compreensão dos “problemas gerados pelo capitalismo global, migração, assassinatos em massa, terrorismo e progresso tecnológico, além de crises ecológicas e desastres naturais” (DOMAŃSKA, 2024, p. 29). Realizando um diálogo com autores como Bruno Latour e Eduardo Viveiros de Castro, a historiadora sinaliza que as transformações atuais engendram a construção e lapidação de um sistema de conhecimento multifacetado que engloba humanidades, ciências sociais e ciências naturais - tais como a biologia e a geologia. A partir desses pressupostos, segundo a autora, o capítulo busca sondar “as características típicas dessas perspectivas alternativas que deixam claro, à luz das mudanças mencionadas anteriormente, que existe uma necessidade de repensar fundamentalmente nossas compreensões de vida, de natureza humana” (DOMAŃSKA, 2024, p. 33).

O livro busca delinear, assim, os desafios primários das humanidades nas formas convencionais de se abordar a sociedade e o passado, uma vez que “cresce a adesão a uma crítica ao narcisismo do sujeito humano e de sua posição privilegiada no mundo” (DOMAŃSKA, 2024, p. 35). A partir dessa postura crítica, avolumam-se novos objetos que colocam - para além do humano - novos problemas, conceitos e maneiras de se aproximar de não-humanos e abordar a inteligibilidade de suas agências. Para a historiadora, “o não humano se tornou a figura paradigmática do contemporâneo e um ponto de referência para o futuro” (DOMAŃSKA, 2024, p. 35).

Com essas questões epistêmicas e metodológicas, a historiadora polonesa procura ensejar o papel das “pós-humanidades” como uma manifestação crítica desses processos, que nasce das humanidades em articulação às disciplinas das ciências naturais, como a biologia, botânica, biotecnologia ou a engenharia genética. A partir de tais extrapolações do humanismo rumo a outro sentido, que implica diretamente em compreender os graves problemas de uma distinção ontológica entre humanos e não humanos, a historiadora defende a necessidade de salientar as diferenças que são relativas e não opostas entre os agentes como plantas, objetos, máquinas, animais, e seres humanos. Dito de outro modo, a ampliação dos prismas, objetos e abordagens fomentaria múltiplas tendências, transmissões, análises e diálogos na direção de construir coletivamente “uma visão holística que combina humanidades e ciências naturais enquanto se baseiam em valores e pensamentos ecológicos somados a um conjunto de diversas abordagens” (DOMAŃSKA, 2024, p. 49).

Uma vez que a própria concepção de “natureza” e de “ser humano”, a relevância de se superar um conceito antropocêntrico de vida, para a historiadora, está intimamente ligada à possibilidade de se narrar as histórias futuras no olho do furacão do Antropoceno. Isso porque, argumenta, “o futuro das humanidades e ciências sociais está inevitavelmente conectado à reflexão sobre o futuro da Terra, da espécie humana, da *transespeciação* e à vida ela

mesma” (DOMAŃSKA, 2024, p. 50). A partir disso, tanto a tessitura dos emaranhados de experiências do tempo, algo convencional da prática historiográfica, quanto a definição clássica de história dada por Marc Bloch, segundo a qual a história seria a “ciência dos homens no tempo”, são fortemente questionadas por meio das dimensões epistemológicas levantadas pela historiadora.

Em busca de trazer novas provocações e respostas aos impasses enfrentados pelas humanidades e, especialmente pela história, Domańska defende uma aproximação com as *eco-humanidades* e abordagens não-anthropocêntricas de pesquisa historiográfica. A inclusão de um olhar multiespécie, que questiona profundamente os padrões analíticos herdados da modernidade e que a historiografia reforçaria, também se constitui como eixo central para a constituição de novas abordagens. Ao lado disso, a historiadora sugere uma aproximação teórica que visa sobretudo reafirmar novas formas de futuridade e de narratividade que já incluam atores e agentes com novos potenciais investigativos e desafios metodológicos que possibilitem uma ênfase à reinvenção da prática historiográfica, com a finalidade de se situar, neste tempo das catástrofes, assim como já ressaltou Isabelle Stengers, o caráter de uma barbárie em que se ancora o insustentável desenvolvimento técnico (STENGERS, 2015, p. 13).

O segundo capítulo da obra mergulha no problema das pós-humanidades, seus objetos potenciais e possibilidades de operação historiográfica. Intitulado como “História e pós-humanismo”, no qual ocorre uma verticalização de algumas questões mencionadas no primeiro capítulo, a autora tenta desvendar as trilhas epistêmicas complexas que estão associadas a esse termo e quais suas dimensões de impacto para a disciplina da historiografia. Nessa perspectiva, a partir dos desafios que as humanidades enfrentam, algumas vias epistemológicas de vanguarda foram aparecendo, sobretudo após as “grandes mudanças causadas pelo declínio da influência pós-estruturalista e o fim do pós-modernismo” (DOMAŃSKA, 2024, p. 55). Portanto, o gradual crepúsculo dessas

vertentes gerou novas e calorosas discussões, que fervilham em torno de um enfoque multidisciplinar em várias tendências intelectuais que são formalmente enfeixadas sob o termo “pós-humanismo”.

No entanto, a historiadora alerta aos leitores que “não existe uma tendência coerente que possa ser rotulada de pós-humanismo” (DOMAŃSKA, 2024, p. 58). Longe de trazer qualquer definição superficial sobre o conceito, o livro aborda com agudeza e profundidade a inserção do pós-humanismo nas ciências humanas e sociais, destacando seus liames e questões mais prementes. O termo designaria, de vez, uma série de tendências intelectuais e de vanguarda que agregaria tanto a superação do conceito de “humanidade” como eixo central das análises históricas, quanto a inclusão, fortemente reiterada, de perspectivas disciplinares distintas. Assim, um dos pontos de partida para se lidar com a definição seria de encarar o pós-humanismo como uma forma de pensamento crítico contemporâneo contra o essencialismo da noção de “natureza humana” e às abordagens generalizantes sobre o excepcionalismo humano.

Um dos impactos do pós-humanismo na história reside na observação de que “os historiadores também não ignoram que hoje não é mais com a filosofia, mas com a biologia que a história está aprendendo” (DOMAŃSKA, 2024, p. 57). Num mundo onde o “ser humano” já não é mais o protagonista e incontestável mestre da natureza, as pós-humanidades realizam um adensamento teórico necessário, que engendra inúmeras frentes analíticas ao buscar uma ruptura com alguns padrões disciplinares antropocêntricos.

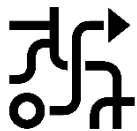
Domańska não defende um anti-humanismo estrito. Pelo contrário, o pós-humanismo escancara as insuficiências das abordagens humanistas e *sociocêntricas* sobre o passado sem negar a agência humana, mas abrindo possibilidades de sua expansão. Para a historiadora, seria necessário que abordagens vanguardistas sobre o passado enfrentassem uma série de binarismos tais como o humano/animal, uma vez que “o não-humano tem se

tornado a figura paradigmática do contemporâneo e um ponto de referência para o futuro” (DOMAŃSKA, 2024, p. 66).

O pós-humanismo seria, assim, um alerta para a mudança de “uma maneira radicalmente nova de abordar o conhecimento do passado” (DOMAŃSKA, 2024, p. 75). Nesse sentido, o livro traz novas contribuições a uma historiografia que vem construindo problemas nesse campo, como o livro “*Compreender outros: Povos, animais, passados*”, de Dominick LaCapra, por exemplo. A obra ressalta a importância fundamental de se “explorar as ideias e práticas que levaram e legitimaram a separação entre humanos e animais e que produziram a ideia de excepcionalismo humano” (DOMAŃSKA, 2024, p.75).

O terceiro e último capítulo é o lugar privilegiado onde a historiadora sacramenta a discussão tanto sobre questões de implementação prática das novas abordagens, quanto sobre suas potencialidades e desafios internos tais como epistemológicos, políticos e empíricos. Intitulado “História Animal”, o capítulo tem como principal objetivo “identificar as novas perspectivas e potenciais de pesquisa propostos por este subcampo dos estudos históricos” (DOMAŃSKA, 2024, p. 81).

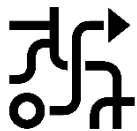
Um dos principais problemas de cunho teórico-metodológico da História Animal é ressaltado pela historiadora como uma crítica endereçada aos próprios historiadores desse campo, ao adotarem, assim sendo, acriticamente a noção de “ponto de vista” do outro, isto é, dos animais. Essa postura interpretativa é problemática porque, ao se realizar a análise a partir do ponto de vista da alteridade animal, a operação epistemológica implícita supõe que tais agentes potenciais não possuem uma voz suficiente, que lhes seria legitimada apenas a partir do discurso do historiador. Para Domańska, no amplo diálogo com distintas tradições e disciplinas, as potencialidades de uma escrita da história animal requisitam “uma forma diferente de conhecer o passado daquela oferecida pela epistemologia histórica com suas compreensões específicas de tempo, espaço, mudança, racionalidade e causalidade” (DOMAŃSKA, 2024, p. 86).



Com efeito crítico de conclusão, Domańska demonstra estar ciente dos riscos de uma posição de vanguarda historiográfica que ocupa ao construir novos objetos, mas compreende que tal exercício exige um certo abandono da “autoridade epistêmica humana sobre a ‘escrita’ do passado” (DOMAŃSKA, 2024, p. 97). “Escrita” porque, para a historiadora, formas não verbais de abordar o passado podem ser consideradas a fim de repensar os limites das condições de possibilidade (antropocêntricas) da narrativa histórica. Ciente de eventuais críticas contra essa perspectiva, a historiadora ressalva que não se trata de “excluir” o humano da narrativa histórica, mas descentralizá-lo, planejando as redes de interação com os agenciamentos não-humanos para construir uma historiografia coletiva e plural. Compreender o lugar do humano nas redes e formas de produção do saber sobre o passado e os seres não-humanos, objetos, coisas e materialidades está na ordem do dia.

Portanto, o livro constitui uma leitura importante nos tempos do Antropoceno e sua leitura crítica é necessária. Longe de prontamente abraçar as perspectivas de análise colocadas pela autora e reproduzi-las, suas reflexões instigam, ao contrário, a uma revisão contínua de pressupostos epistemológicos que terminam por fundamentar a historiografia e sua história. Assim, seu conteúdo teórico acaba tendo como público alvo a própria comunidade acadêmica, sobretudo para os que estão imersos em pesquisas atuais sobre ontologias multiespécies nas ciências humanas e naturais, mas evidentemente, saltará aos olhos do público geral com a questão fundamental que o título implica: “existiria uma história para além do humano?”. O trabalho de tradução, organização e publicação do livro vem fortalecer os debates não só historiográficos, mas de diversos campos disciplinares, a fim de fomentar calorosas discussões acerca dos limites da compreensibilidade de humanos e não humanos.

REFERÊNCIAS



DOMAŃSKA, Ewa. *A história para além do humano*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024.

HARAWAY, Donna J. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Recebido em 09/06/2025

Aprovado em 29/10/2025